

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CURSO DE BACHARELADO EM TURISMO
CAMPUS SÃO BERNARDO

GLÁUCIA MARIA DA CONCEIÇÃO MORAES

SABERES ARTESANAIS E O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA (TBC): um novo olhar para o desenvolvimento da comunidade Ilha Grande dos Paulinos em Tutóia, Maranhão



São Bernardo - MA

2021

GLÁUCIA MARIA DA CONCEIÇÃO MORAES

SABERES ARTESANAIS E O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA (TBC): um novo olhar para o desenvolvimento da comunidade Ilha Grande dos Paulinos em Tutóia, Maranhão

Artigo apresentado ao curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal do Maranhão, campus de São Bernardo, para obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Prof.^a Me Karoliny Diniz Carvalho

São Bernardo - MA

2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Moraes, Gláucia Maria da Conceição.

SABERES ARTESANAIS E O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA TBC
: um novo olhar para o desenvolvimento da comunidade Ilha
Grande dos Paulinos em Tutóia, Maranhão / Gláucia Maria
da Conceição Moraes. - 2021.

40 p.

Orientador(a): Karoliny Diniz Carvalho.

Curso de Turismo, Universidade Federal do Maranhão, São
Bernardo, 2021.

1. Artesanato. 2. Desenvolvimento local. 3. Turismo
de Base Comunitária. 4. Tutóia (MA). I. Carvalho,
Karoliny Diniz. II. Título.

GLÁUCIA MARIA DA CONCEIÇÃO MORAES

SABERES ARTESANAIS E O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA (TBC): um novo olhar para o desenvolvimento da comunidade Ilha Grande dos Paulinos em Tutóia, Maranhão

Artigo apresentado ao curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal do Maranhão, campus de São Bernardo, para obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Prof.^a Me Karoliny Diniz Carvalho

Aprovada em: ____|____|_____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma Karoliny Diniz Carvalho (Orientadora)
Mestre em Cultura e Turismo
Universidade Federal do Maranhão – Campus São Bernardo

Prof.^a Dr.^a Tatiana Colasante
Doutora em Geografia (Organização do Espaço)
Universidade Federal do Maranhão – Campus São Bernardo

Prof Me. Vanderley Rabelo de Jesus
Mestre em Cultura e sociedade (PPGCULT)
Universidade Federal do Maranhão – Campus São Bernardo

Dedico este trabalho a minha vó, Maria Pereira, nascida e criada na comunidade Ilha Grande dos Paulinos em Tutóia, Maranhão, e à todas as mulheres que dedicam seu tempo para desenvolver essa atividade encantadora que em uma peça consegue transmitir a sua história de vida e a beleza que é o artesanato tutoiense.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à Deus pela oportunidade que surgiu em 2017, o começo de um dos objetivos de vida que tenho, e de lá até aqui Deus sempre esteve comigo, sempre me concedendo paciência para entender que tudo é no tempo dele, sabedoria para usar minha inteligência para coisas de alguma forma iria somar com meu crescimento e força para não desistir dos meus sonhos, e agora, posso afirmar que tudo deu certo, Deus nunca me abandonou.

Faço um agradecimento especial para toda minha família, principalmente para Claudiomar, meu pai e a Amanda, minha irmã e especial, devido minha mãe, Maria Edileuza, pois em todo instante estava ali, me apoiando e me incentivando e comemorando todas as minhas conquistas, sendo elas grandes ou pequenas enquanto acadêmica do Curso de Bacharelado em Turismo.

Agradeço também aos professores (as) que tive o prazer de conhecer e aprender bastante durante esse tempo, alguns tive muito tempo de convivência, outros nem tanto, mas lembro-me de todos os conselhos e elogios que recebi de todos (as), como a Prof.^a Me. Karoliny Carvalho, a primeira professora que tive o prazer de conhecer e foi através das aulas dela que me apaixonei mais ainda pela minha futura profissão, agradeço também por ser minha orientadora, sempre paciente e compreensível.

A Prof.^a Me. Cíntia Pinheiro, por todos os conselhos, a Prof.^a Me. Ana Catarina, por me ensinar que o campo de estudo de uma turismóloga é o mundo, a Prof.^a Dr.^a Tatiana Colasante, por servir de inspiração e acreditar em meu potencial, a Prof.^a Dr. Sylvana Marques, por todos os elogios e pela força de sempre lembrar o quão o turismólogo tem espaço nesse mundo, basta querer.

Ao Prof.^o Dr. Josenildo Brussio, por me dado o prazer de conhecer o universo que é a pesquisa, participando de projetos e grupo de estudos, porque ser universitário é isso, é viver a universidade e não, só passar por ela. E aos professores, Prof.^o Dr. César Chaves, Prof.^o Cássio Rêgo, Prof.^o Me. Vanderley Rabelo, Prof.^o Dr. Felipe Monteiro, Prof.^o Dr. Mateus Barreto, Prof.^o Dr. Thiago Lima e entre outros, agradeço por todos os ensinamentos e aprendizados.

Agradeço também, aos meus colegas da turma 2017 pelo companheirismo e por todo os momentos produtivos que tivemos, as visitas técnicas, eventos que participamos e por todas as vezes que deixamos as contradições de lado e nos unimos em prol do nosso

curso e aqui faço outro agradecimento especial a duas pessoas que a UFMA me proporcionou conviver por esses quatro anos, que além de parceiras de curso, somos parceiras de vida, a Daline Brito e a Antonia Cleia, sempre juntas em todos os trabalhos e projetos futuros, sempre assim, nos ajudando pra chegar até aqui.

Por fim, agradeço a todos os meus amigos, as pessoas especiais que entraram na minha vida durante essa caminhada acadêmica e até mesmo aqueles que falaram que eu não conseguiria chegar onde cheguei, pois de certa forma vocês me deram forças para continuar e acreditar no meu crescimento e desenvolvimento tanto acadêmico quanto profissional.



Toda existência desse povo é cingida não só pelo trabalho, mas também por um acervo cultural associado a uma mística que envolve os mitos e toda a rede de significados e simbologia.

(Torres e Santos, 2011).

SABERES ARTESANAIS E O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA (TBC): um novo olhar para o desenvolvimento da comunidade Ilha Grande dos Paulinos em Tutóia, Maranhão

Gláucia Maria da Conceição Moraes¹

Karoliny Diniz Carvalho²

Resumo: O artigo consiste num estudo sobre o potencial do artesanato da Ilha Grande dos Paulinos, localizada no município de Tutóia, Maranhão, para a implantação do Turismo de Base Comunitária (TBC). Como objetivos específicos propõe-se discutir o TBC como opção para o Bem Viver das comunidades tradicionais, inventariar os produtos artesanais existentes na comunidade Ilha Grande dos Paulinos e verificar o interesse das artesãs em participar do planejamento de ações voltadas para o desenvolvimento turístico do lugar. O embasamento teórico da pesquisa permeou discussões sobre o artesanato como patrimônio cultural e a sua apropriação pelo turismo com vistas a refletir sobre as potencialidades de projetos de TBC como fator de desenvolvimento local. Apropriando-se de uma abordagem qualitativa, realizou-se uma pesquisa de campo por meio de entrevistas com 05 artesãs da comunidade, além do registro fotográfico da produção artesanal. De acordo com os resultados da pesquisa, o artesanato tradicional foi percebido como elemento importante da identidade das artesãs e o turismo como promotor da qualidade de vida. Ressalta-se a necessidade de ampliar as redes de cooperação público e privada a fim de fomentar a cadeia produtiva do artesanato e fortalecer as práticas artesanais por meio da atividade turística, além de incentivar a visitação turística na ilha, alicerçado nos preceitos da socioeconomia solidária.

Palavras-chave: Artesanato. Turismo de Base Comunitária. Desenvolvimento Local. Tutóia (MA).

CRAFT KNOWLEDGE AND COMMUNITY-BASED TOURISM (CBT): a new look at the development of the Ilha Grande dos Paulinos community in Tutoia, Maranhão

Abstract: The article is a study on the craft production of the Ilha Grande dos Paulinos, located in the municipality of Tutóia, Maranhão, as a possibility for the implementation of Community-Based Tourism (CBT). As specific objectives, it is proposed to discuss the relationship between CBT and solidarity economy as options for the well-living of traditional communities, to inventory the craft products existing in the community Ilha Grande dos Paulinos and to verify the interest of the craftswomen in participating in the planning of actions aimed at the tourism development of the place. The theoretical basis of the research permeated discussions related to handicrafts as cultural heritage and their appropriation by tourism in order to discuss the potential of BCT projects as a factor for local development. Using a qualitative approach, a field research was carried out through interviews with 05 raftswomen from the community, in addition to the photographic record of the craft production. According to the results of the research, traditional crafts were perceived as an important element of the identity of the craftswomen and tourism as a promoter of quality of life. The need to expand the networks of public and private cooperation in order to foster the productive chain of handicrafts and the strengthening of handicraft practices through tourism activity is emphasized, as well as to encourage tourist visitation to the island, based on the precepts of socio-economy solidarity.

Keywords: Handicraft. Community Based Tourism. Local Development. Tutóia (MA).

¹Graduanda em Bacharelado em Turismo pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA/Campus São Bernardo). Endereço eletrônico: glauciamaria677@gmail.com

² Mestra em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/BA). Docente do curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA/Campus São Bernardo). Endereço eletrônico: karoliny.diniz@ufma.br

INTRODUÇÃO

O turismo é um fenômeno social que enfatiza os patrimônios das comunidades na perspectiva de estimular projetos de desenvolvimento considerando a geração de renda, a economia solidária, a valorização dos saberes e fazeres tradicionais e a melhoria da qualidade de vida. Além disso, oportuniza o protagonismo dos atores sociais, os quais podem vislumbrar no turismo o Bem Viver como paradigma emergente de desenvolvimento local e/ou endógeno (ACOSTA, 2016).

Um dos modelos de gestão turística possíveis de alcançar estes propósitos consiste no Turismo de Base Comunitária (TBC), o qual vem se destacando nos últimos anos em oposição aos modelos de turismo segregador ou excludente (BARTHOLO, SANSOLO e BURSZTYN, 2009; BRAGA e SELVA, 2016). Ele contempla a organização de produtos, bens, roteiros e serviços turísticos a partir das dinâmicas socioculturais: o artesanato, a gastronomia, os festejos tradicionais, o patrimônio ambiental e adota os princípios e os valores relacionados à autonomia e ao protagonismo comunitários e à formação de redes de cooperação institucional.

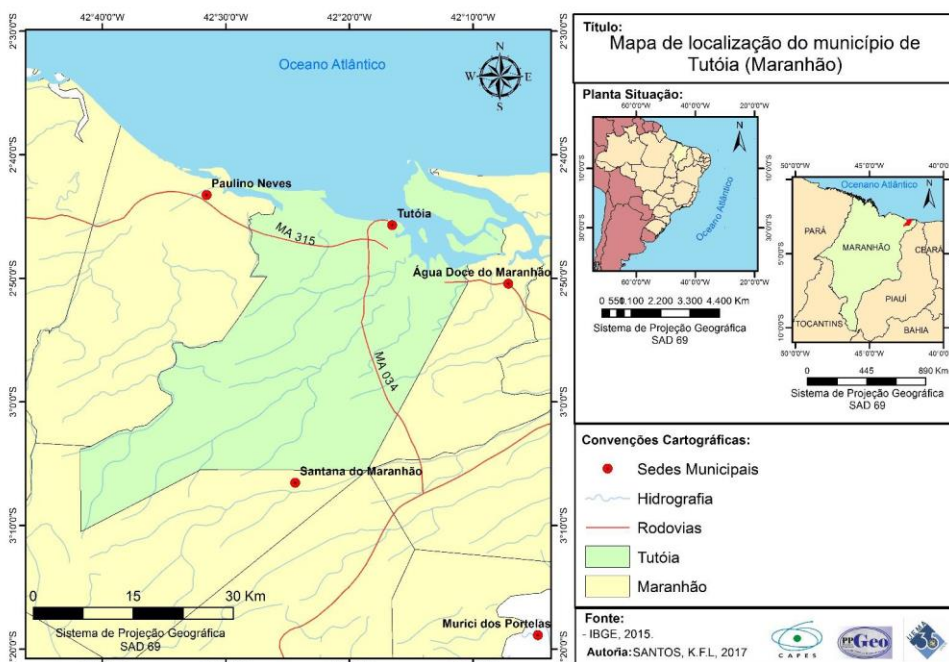
O TBC possui uma relação direta com a cultura, a educação, o lazer, o meio ambiente, entre outros aspectos, alinhando-se à sustentabilidade dos territórios e das comunidades por meio de sua inserção nas práticas do cooperativismo. Existe uma diversidade de experiências em torno do TBC, variando de acordo com as particularidades geográficas, territoriais e das singularidades de cada lugar onde ele é implantado. Apesar das particularidades de cada região, a autonomia dos grupos sociais na gestão dos espaços, produtos e equipamentos turísticos, a busca por experiências turísticas diferenciadoras e a valorização dos patrimônios socioambientais são algumas das características que norteiam essas propostas (BARTHOLO, 2011; IRVING, 2009).

Diante das iniciativas, projetos e ações desenvolvidos em nível nacional e internacional, assume-se o pressuposto de que o TBC agrega valor à experiência do visitante e contribui para o desenvolvimento turístico de pequenas localidades ou de regiões que estão iniciando o processo de articulação pelo e para o turismo. Tal cenário pode ser verificado em alguns municípios do Estado do Maranhão, como Santo Amaro e Barreirinhas, destinos turísticos que vem construindo redes de cooperação em torno de práticas artesanais como fatores de dinamização das economias. As iniciativas exitosas dessas localidades também estimulam ações voltadas ao planejamento comunitário do turismo em municípios próximos, como por exemplo, Tutóia.

O município de Tutóia situa-se no Litoral Oriental do Maranhão, na microrregião dos Lençóis Maranhenses, fazendo divisa ao Norte com o Oceano Atlântico; ao Sul com o município de Santana do Maranhão; ao Leste com o município de Água Doce do Maranhão; e ao Oeste com o município de Paulino Neves (Figura 1). Corresponde a uma área de 1.651,656 km² e conta com uma população de 52.788 habitantes, sendo que destes 64,61% situam-se na zona rural e 35,38% moram na cidade (IBGE, 2010).

Caracteriza-se pelo predomínio de pequenas dunas, conhecidas como Pequenos Lençóis. Destaca-se ainda pela formação de várias ilhas que apresentam aspectos ambientais, materiais e simbólicos particulares, como a ilha das Gaivotas, do Papagaio, João Correia, Ilha do Cajueiro, Igoronhon, Ilha da Caieira, Ilha de Coroatá, Ilha das Pombas, ilha Grande dos Paulinos, as quais integram roteiros de turismo náutico e de lazer. Este território está inserido no Poló turístico Delta das Américas e faz parte da Rota das Emoções, roteiro turístico integrado pelos Estados do Piauí, Ceará e Maranhão.

Figura 1: Mapa de localização do município de Tutóia.



Fonte: SANTOS (2019).

A participação no âmbito da atividade turística tem provocado mudanças na dinâmica socioespacial local com a presença de visitantes interessados em conhecer os aspectos ambientais e o patrimônio cultural das comunidades e a presença de uma cadeia

produtiva que estimula a economia local. O município conta com equipamentos, produtos e serviços turísticos estruturados como pousadas, hotéis e restaurantes e observa-se uma articulação dos atores sociais locais para incentivar o desenvolvimento do turismo (SANTOS, 2019).

Dentre os atrativos que formam o produto turístico local destacam-se a revoada dos Guarás (*Eudocimus ruber*), as lagoas interdunares, a vegetação de mangues, as dunas, o pôr do sol, as praias como a Praia do Amor, Andreza, praia da Barra, cujas características são propícias para a prática de esportes aquáticos como o *kitesurf*; a lagoa do Maceió, lagoa dos Pequenos Lençóis Maranhense e as comunidades tradicionais, como a comunidade do Arpoador. O município dispõe de roteiros turísticos comercializados por agentes locais, como os passeios náuticos pela Ilha do Delta e Costa do Delta.

Nas tradições culturais sobressaem-se a Festa do Carço e o Festejo do Divino Espírito Santo. Nesse mosaico, insere-se o artesanato produzido a partir da fibra do Buriti (*Mauritia flexuosa*) e da Carnaubeira (*Copernicia prunifera*), as quais dão origem a produtos diversos: cestos, bolsas, redes, quadros, brincos, jogos decorativos de paredes, luminárias e entre outros. Assiste-se também à formação de rede de cooperação artesanal (SANTOS, 2019), o que evidencia a importância de o saber fazer artesanal para a comunidade. Assim, torna-se oportuna a reflexão em torno dos saberes e fazeres artesanais como elementos do patrimônio cultural e atrativos turísticos na perspectiva do desenvolvimento local.

Neste cenário emerge a comunidade Ilha Grande dos Paulinos, localizada cerca de 35,4 km da sede municipal, e que abrange uma população de aproximadamente 70 moradores. Destaca-se pela produção de artesanato feito da matéria prima da fibra da carnaúba, linho e talo do tucum, envolvendo em torno de 11 (onze) mulheres que moram no local. Ressalta-se que a Ilha Grande dos Paulinos é uma das ilhas que compõe o 65% do Delta do Parnaíba que fica localizado na parte do Maranhão.

Tendo em vista a importância que o turismo adquire para o desenvolvimento em escala local, elegeu-se como objeto de estudo as práticas artesanais da comunidade Ilha Grande dos Paulinos, pautando-se no seguinte questionamento: o Turismo de Base Comunitária (TBC) constitui alternativa viável para a valorização do artesanato da comunidade Ilha Grande dos Paulinos, município de Tutóia, Maranhão? Assim, o artigo possui como objetivo central analisar as possibilidades para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária (TBC) na comunidade Ilha Grande dos Paulinos, município

de Tutóia, Maranhão com ênfase na produção artesanal tradicional. Para tanto, delineou-se os seguintes objetivos específicos: a) discutir a relação o TBC como opção para o Bem Viver das comunidades tradicionais, b) inventariar os produtos artesanais existentes na comunidade Ilha Grande dos Paulinos e c) verificar o interesse das artesãs em participar do planejamento de ações voltadas para o desenvolvimento turístico do lugar.

A trajetória teórica e metodológica assumida pela investigação contou com a realização de pesquisa bibliográfica e de campo, de natureza qualitativa, possuindo um caráter exploratório. Conforme aponta Gil (2004), as pesquisas qualitativas preocupam-se com os aspectos simbólicos da realidade, os quais são impossíveis de serem quantificáveis, tais como as crenças, os valores, os símbolos, a trama dos significados no interior de um determinado grupo social. Este método adequou-se aos objetivos da pesquisa, uma vez que se pretendeu investigar as percepções das artesãs da comunidade sobre TBC e desenvolvimento local. Já o seu caráter exploratório permitiu o aprofundamento dos conhecimentos sobre a temática e das reflexões acerca das possibilidades de desenvolver o TBC com ênfase no artesanato e na economia solidária.

Inicialmente, realizou-se o levantamento bibliográfico sobre as temáticas TBC, comunidade, artesanato, bem viver e desenvolvimento local, utilizando-se as contribuições teóricas de autores como Nascimento (2020), Lima (2020), Fabrino (2016), Paoliello (2016), Silva (2019), Krucken (2012), Lóssio (2007), Moraes (2017), David (2018) entre outros, a fim de possibilitar a construção do seu referencial teórico. Já o segundo momento, ou seja, a pesquisa de campo, contemplou a coleta de dados e informações junto às artesãs da Ilha Grande dos Paulinos.

Nesse norte, a pesquisa foi desenvolvida por meio de entrevistas online e por meio de ligações telefônicas, levando em consideração o contexto da pandemia de Covid-19. Apesar de restringir o potencial da pesquisa de campo, as entrevistas *on line* foram indispensáveis para se compreender a dinâmica sociocultural da comunidade, as práticas artesanais e verificar o interesse das artesãs no planejamento de ações voltadas para o desenvolvimento do TBC.

A coleta de dados ocorreu no mês de setembro de 2021. O roteiro de entrevistas contou com questões relacionadas às dinâmicas da produção artesanal, práticas de gestão e comercialização da produção artesanal local, ao entendimento sobre turismo e as oportunidades e os limites para viabilizar o TBC junto à comunidade. As informações obtidas foram sistematizadas e interpretadas com o uso da técnica de análise de conteúdo do tipo temática, seguindo os direcionamentos de Bardin (1979). Além das entrevistas,

os registros fotográficos da produção artesanal constituíram fontes necessárias para o entendimento dos processos de fabricação dos produtos e da sua vinculação à história da localidade e à identidade das artesãs³.

Diante destas considerações iniciais, o texto do artigo está estruturado em seções. De início, discute-se o artesanato na sua dimensão material e simbólica para em seguida refletir sobre a sua relação com a atividade turística e os paradigmas que orientam as novas visões acerca do desenvolvimento com ênfase nas dimensões locais e nas subjetividades dos atores sociais.

Na sequência, apresenta-se uma breve caracterização do TBC, articulada aos princípios da economia solidária, para então situar os saberes e fazeres artesanais da comunidade Ilha Grande dos Paulinos. Neste ínterim, busca-se, a partir dos relatos das artesãs, refletir acerca do artesanato como impulsionador do desenvolvimento local por meio do turismo.

Com esta pesquisa, espera-se ampliar as perspectivas sobre o TBC nas comunidades e ressaltar a importância do artesanato para a construção do patrimônio sociocultural do município de Tutóia, Maranhão. Os resultados obtidos ao longo do estudo podem subsidiar ações públicas e iniciativas privadas em torno de processos de gestão solidária dos territórios, além de impulsionar novos estudos acerca da relação entre os saberes e fazeres artesanais e a atividade turística.

2 SABERES ARTESANAIS, TURISMO E DESENVOLVIMENTO LOCAL

O artesanato é entendido como a produção cultural de objetos e artefatos e “[...] constitui-se como produto de conhecimento e de um saber fazer (processo) localizado em um lugar” (KRUCKEN, 2012, p.03) que se realiza de forma manual, tradicional ou rudimentar por grupos sociais que possuem os conhecimentos, o domínio dos processos e das técnicas de produção, as habilidades manuais, além de sensibilidade, capacidade inventiva e criatividade (LIMA, 2005; LEITE, 2009; BARROSO NETO, 2015).

Segundo Nogueira (2002, p.01) “estudar o artesanato é entender como uma sociedade se organiza, como ela se coloca e se materializa em seus objetos. É que estes são capazes de transcender as fronteiras do tempo e do espaço”. Trata-se, portanto, de um fenômeno sociocultural heterogêneo, complexo e diversificado (KELLER, 2016) baseado

³ Os registros da produção artesanal foram disponibilizados pelas artesãs por meios eletrônicos.

na oralidade e cujo labor resulta numa produção multifacetada que contempla diferentes matérias-primas, como o algodão, o barro, a madeira, a fibra vegetal, o tecido, o couro, a linha, além de uma diversidade de técnicas produtivas a exemplo do trançado, da costura, da modelagem, da fiação, da gravura.

Na sua materialidade, sobressaem-se diversos produtos com cores, formas, tramas e texturas diferenciados: os objetos e peças possuem caráter utilitário, decorativo, lúdico, artístico, estético, religioso, entre outros e compõem o repertório dos patrimônios culturais locais (LIMA, 2005). O artesão vive de idealizar, criar e repassar a história, a cultura, os saberes e os sentimentos que nascem ao produzir cada peça artesanal. Na definição de Horodyski (2006, p.28):

O artesanato é antes de tudo, um bem imaterial, já que sua riqueza se encontra no conhecimento do artesão para produzi-lo, adquirido de seus semelhantes, e cujo legado é composto de representações e significados próprios para cada comunidade onde o mesmo é manufaturado, passando a ser tangível no instante em que o conhecimento é materializado e a peça é produzida.

Apesar do artesanato não possuir uma definição conceitual, conforme ressalta Lima (2005), algumas características são apontadas por autores na busca dos seus contornos teóricos, dentre as quais, Servetto (2008, p. 23) elenca: Trabalho predominantemente manual, embora possam ser utilizados máquinas ou outros equipamentos de apoio; Utilização de recursos naturais local; Conhecimento transmitido pelas gerações passadas; Caráter utilitário e decorativo do produto; Produção em baixa escala; Expressão de uma cultura e fator de identidade; Utilização mínima de processos mecanizados.

Lima (2009) e Leite (2005) complementam essas considerações destacando que o artesanato possui um ritmo e tempo de produção particulares, ou seja, existe liberdade do artesão no processo de produção, na definição do ritmo, escolha da matéria-prima e tecnologia e na estética ou no design final. Assinalam ainda o seu caráter não padronizado ou serial, compreendendo que o artesanato é irregularmente imperfeito, não sendo possível produzir dois artesanatos idênticos, porém, cada peça produzida mantém os significados e os valores atribuídos pelo artesão no momento da sua criação/produção.

Visão semelhante é apresentada por Paoliello (2016, p.03), a qual argumenta que “[...] o conhecimento de materiais e técnicas é transmitido pela herança e pela história oral, e considera as particularidades constitutivas da formação social de uma comunidade,

de seu tempo e espaço.” Além disso, existe todo um valor simbólico que é retratado através da valorização do trabalho desenvolvido pelos artesãos:

[...] o “artesanato original” transporta memórias de um saber fazer que acarreta ligações estreitas com um património sociológico, histórico e cultural específico. Os produtos são fruto da habilidade e criatividade manual do artesão que busca o seu constante aperfeiçoamento na perspectiva do utilizador. Neles impera o trabalho manual, recorrendo a um mínimo de ferramentas, o que permite um controlo quase absoluto do seu ciclo (SOUSA, 2010, p.15).

Vale ressaltar que o ofício artesanal se reinventa constantemente a partir das mudanças que operam nas relações sociais, tais como as inovações tecnológicas, o design, a mídia e a globalização. Sendo uma construção cultural, a tradição ressignifica-se, reinventa-se a fim de se adequar às demandas contemporâneas:

O artesanato, de modo geral, se mantém presente em diferentes culturas, ao longo dos séculos, e mesmo com o avanço da industrialização os artesãos dão continuidade às suas tradições passando de geração a geração seus saberes e registrando nos artefatos seus conhecimentos (CAVALCANTE, 2014, p.34).

Além de contribuir para a identidade de um lugar, o artesanato constitui fonte de renda ou complemento para muitas famílias, as quais mantêm a tradição cultural como fator de agregação familiar e de participação ativa no mercado de trabalho, em especial a feminina. Assim, os saberes e fazeres artesanais são considerados também como estratégia de sobrevivência econômica para grupos sociais historicamente margeados (DAVID e VARGAS *et.al*, 2018).

Na contemporaneidade assiste-se um processo de valorização das tradições culturais seguindo a perspectiva de desenvolvimento, das indústrias culturais, da economia solidária e criativa. Nesse cenário, “a valorização da cultura popular para as culturas populares está inserida no imaginário social, que por sua vez são resgatados nas representações sociais e que, por conseguinte relacionados à identidade cultural.” (LÓSSIO e PEREIRA, 2007, p.04).

Assim, a cultura é vista como recurso (YÚDICE, 2006), fato que desencadeia o entrelaçamento entre os produtos artesanais e o mercado de bens simbólicos (VARGAS e FIALHO, 2019), com destaque para o seu aproveitamento turístico. O turismo é um fenômeno social que possui uma intrínseca relação com os saberes e fazeres tradicionais e por extensão, aos bens que compõem o patrimônio cultural de uma localidade. Além disso, “o lugar também é, ao mesmo tempo, um ator, que tem suas próprias características,

um estado emocional, independente do estado de espírito do visitante no momento do encontro” (KRUCKEN, 2012, p.03).

A atividade turística é uma das grandes fomentadoras da geração de emprego e renda, pois ela proporciona a criação de novos negócios, aumenta a produção de bens e serviços, potencializa o índice de desenvolvimento das comunidades receptoras, carregando consigo possíveis melhorias nos aspectos estruturais das localidades. Ao lado das ações de planejamento e gestão, o turismo pode trazer benefícios não só para os turistas como também para a comunidade local.

Por se relacionar diretamente com o patrimônio ambiental e cultural, o turismo acena com possibilidades efetivas de inclusão social através da organização de roteiros de visitação e da implantação de projetos e empreendimentos solidários. Diversos segmentos de mercado, em especial o turismo cultural, o turismo rural, o ecoturismo, contribuem de forma significativa para a autonomia das comunidades, para a valorização dos ecossistemas e das tradições culturais e para o fortalecimento econômico dos territórios.

Nesse patamar, as práticas artesanais também surgem como elemento de atratividade turística, seja por meio da operacionalização de roteiros nas comunidades, do incentivo à produção associada ao turismo, do fomento à cadeia produtiva do artesanato, seja pela sua promoção, exposição e comercialização em eventos como feiras de negócios e nos equipamentos turísticos, como agências, hotéis, pousadas e restaurantes. Dentre os benefícios decorrentes da relação artesanato e turismo destacam-se a valorização dos saberes, fazeres e técnicas tradicionais, fortalecimento da autoestima dos artesãos, dinamização da cadeia produtiva do artesanato, conservação dos ecossistemas e fortalecimento do patrimônio cultural local.

Figueira (2017) acentua também o empreendedorismo individual e coletivo, a valorização pessoal e o sentimento de pertencimento à cultura como resultados das interações turísticas. O autor expõe ainda o revigoramento das tradições artesanais como impacto positivo que pode advir da inserção dos artesãos no mercado turístico, “[...] o olhar do visitante, a busca de valorização das criatividades locais e as parcerias produtivas promovem, além de benefícios financeiros, a revitalização de hábitos culturais desaparecidos ou em vias de desaparecimento” (FIGUEIRA, 2017, p.62).

Desse modo, apreciar o artesanato local é conhecer a história contida em cada peça, é presenciar e de alguma forma participar daquele momento da produção dos artesanatos, prática que se tornou uma das prioridades para os turistas, pois ali está

presente as memórias da viagem, a história da comunidade e a experiências que o visitante obteve naquele local. O turismo leva pessoas a conhecerem novos lugares, novas culturas e conseqüentemente, novas experiências de vida.

Segundo Moraes *et al* (2017, p.10), “[...] o turismo abre o leque de possibilidades para a estruturação de formas alternativas de experiências e vivências, em que se podem inserir novos e diferentes arranjos produtivos econômicos, culturais e sociais, os quais são denominados de turismo de base comunitária ou turismo comunitário (TBC)”. Nas comunidades tradicionais, o turismo trabalha com possibilidades ligadas diretamente com a questão do desenvolvimento local, buscando a geração de empregos, movimentando, assim a economia da comunidade através das práticas sociais e culturais.

Nesse processo surgem melhorias voltadas para questões inovadoras e até mesmo na consolidação de parcerias entre a comunidade e a gestão pública local ou parceiros como o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), envolvendo todos os membros da comunidade, respeitando e mantendo a valorização da identidade cultural dos moradores locais. Nessa esteira, a dinâmica turística em associação ao artesanato contribui para que os atores sociais historicamente invisibilizados tornem-se protagonistas e se envolvam em iniciativas e ações de cooperação em prol do desenvolvimento socioeconômico atrelada à qualidade de vida. “[...] Desta forma, estimular o desenvolvimento do artesanato significa abrir possibilidades de atenuação das desigualdades sociais e, também, promover a preservação de valores da cultura popular local” (BOTELHO, 2005, p.12).

Assim, pode-se vincular o artesanato ao desenvolvimento por meio da atividade turística, com a articulação dos saberes tradicionais, parcerias institucionais entre a gestão pública e privada e o direcionamento de investimentos que favoreçam as comunidades no processo de autonomia na construção de projetos de desenvolvimento. No entanto, o turismo pode acarretar mudanças na produção artesanal, impondo características que não correspondem às especificidades geográficas e socioculturais, descontextualizando, em alguns casos, o artesanato e transformando-o em bem para o consumo com a valorização do seu significado estético em detrimento do seu valor afetivo ou patrimonial.

É importante mencionar que para ocorrer um desenvolvimento turístico equilibrado deve-se trabalhar levando em consideração todas as fases do processo, pois a atividade turística deve agregar valor à economia local, gerando assim renda para os diversos atores sociais em diálogos com o seu modo de vida: “[...] os três eixos do desenvolvimento local - formação do capital humano e social, o desenvolvimento

produtivo do território e a concertação para a gestão participativa, nas suas interdependências e complementariedades – devem favorecer a visão de futuro dos atores locais” (ZAPATA, 2000, p. 43).

Essas ideias vão ao encontro dos novos paradigmas de desenvolvimento centrado na escala humana, na qual insere-se a concepção de Bem Viver como ruptura frente ao modelo colonial e que busca, nos termos de Acosta (2016, p.74), uma harmonia entre a sociedade e a natureza, práticas econômicas solidárias e sustentáveis e a revalorização da diversidade cultural, “[...] E, por estar imerso na busca e na construção de alternativas pelos setores populares e marginalizados, terá de se construir sobretudo a partir de baixo e a partir de dentro, com lógicas democráticas de enraizamento comunitário”.

Assim, o conceito de Bem Viver afasta-se da tradicional noção de desenvolvimento econômico centrado no progresso e na acumulação de riquezas. Pode ser concebido também como uma filosofia de vida originária da cosmovisão dos povos andinos que pressupõe o respeito, a autodeterminação das comunidades tradicionais, a reciprocidade, a equidade e a interculturalidade como valores para a construção das relações sociais:

O Bem Viver aponta para a construção de saberes que não separam a teoria da prática - contrário ao que propõe a racionalidade moderna - representada por comunidades que preservam sua riqueza cultural, linguística e patrimonial. Ou seja, tradições e saberes. Neste sentido, o turismo pode constituir-se como atividade que gera benefícios econômicos locais, fortaleça as tradições e a cultura e contribua para preservar a natureza. Estes elementos, por sua vez, podem ser reconhecidos como constitutivos de um Bem Viver. (ALCÂNTARA, GRIMM e SAMPAIO, 2018, p. 63).

Diante dos pressupostos do Bem Viver, o turismo pode se inserir nesse novo olhar para o desenvolvimento a partir dos valores sociais, com eticidade e compromisso ambiental. Nesse contexto, segmentos considerados alternativos, como por exemplo, o turismo cultural, o turismo rural e o ecoturismo alinham-se com o objetivo de conferir a autonomia comunitária e propiciar novas formas de planejar e gerenciar os atrativos turísticos. O modelo, princípios e valores do Turismo de Base Comunitária (TBC) constituem o próximo eixo de análise.

3. O TBC COMO UM NOVO ITINERÁRIO PARA AS COMUNIDADES NA BUSCA PELO DESENVOLVIMENTO EM ESCALA LOCAL

O TBC ganhou ênfase nos últimos anos como proposta de desenvolvimento da atividade da turística de forma sustentável e surgiu como forma de resistência ao turismo de massa, o qual tem acarretado impactos negativos na dinâmica sociocultural e no patrimônio ambiental de diversas comunidades. As primeiras iniciativas em torno desse modelo no Brasil ocorreram por volta de 1990 em experiências sem o subsídio inicial por parte dos gestores públicos. A maioria delas se concentra atualmente na região nordeste do Brasil, nos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, incidindo-se em pequenas comunidades assentadas em povoados, aldeias e vilas e 80% das iniciativas ocorrem nas proximidades, no interior ou contêm áreas protegidas (HALLACK, BURGOS e CARNEIRO, 2011).

Dentre as iniciativas e projetos destacam-se no cenário nacional o Turismo de Base Comunitária Acolhida na Colônia em Santa Rosa de Lima, em Santa Catarina, Ilha de Marajó, Santarém e Curuçá, no Pará; Quilombo Cabula, na Bahia; redes de favorecimento de ações comunitárias como o Projeto da Rede Tucum, comunidades de Batoque, Balbino, Jenipapo, Kanidé e Ponta Grossa, no Ceará; TBC na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Ponta do Tubarão (BARTHOLO, SAN SOLO e BURSZTYN, 2009). A partir de 2003, com a criação do Ministério do Turismo (MTUR), o TBC passa a ser incentivado de forma mais sistemática no âmbito das políticas públicas federais, nos Planos Nacionais de Turismo e editais de fomento, ampliando as propostas para as regiões brasileiras e para as comunidades tradicionais que estão distantes da lógica mercantil de produção e consumo dos espaços turísticos que segrega e exclui os moradores, acarretando graves prejuízos socioambientais.

O TBC pode ser entendido como uma proposta de planejamento e gestão do turismo que se alinha aos interesses, expectativas e demandas comunitárias a partir do capital social, político e cultural existentes nos seus territórios. Segundo Lima e Nascimento (2020, p.33) “[...] o Turismo de Base Comunitária é a atividade que tem com premissa a participação da população local nos processos de planejamento, implementação e avaliação da atividade turística”.

Trata-se, portanto, de um turismo alternativo que se alicerça na autogestão, no associativismo/cooperativismo e na valorização dos aspectos ambientais e culturais, cuja

ênfase principal recai no protagonismo dos atores sociais. São eles que traçam os rumos do desenvolvimento do turismo por meio das articulações interinstitucionais, da formação de arranjos produtivos locais (APL's) e das práticas de solidariedade e justiça social (BARTHOLO, SANZOLO e BURSZTYN, 2009; BRAGA e SELVA, 2016).

Na visão de Irving (2009, p.108), o TBC está centrado “[...] na concepção e desenvolvimento de alternativas criativas e inovadoras de um tipo de turismo que internalize a variável local e as identidades envolvidas como elemento central de planejamento” (IRVING, 2009, p. 108) capaz de contribuir para uma nova ética nas relações sociais em diferentes dimensões: social, política, cultural e humana. Compartilhando desse entendimento, Sampaio *et al* (2014, p. 43) entendem que “o que caracteriza o turismo comunitário é que os empreendedores são pessoas que se inspiram por ideais comunitários [...] se afastando da lógica racional econômica de ganho puramente individual.”

Além desses pressupostos, destacam-se a reciprocidade, a convivialidade, as trocas culturais e o intercâmbio de experiências entre os turistas e as comunidades como dimensões importantes para a construção de relações comerciais pautadas na conservação dos atrativos naturais e culturais, na equidade social e no fortalecimento da autoestima das comunidades. Conforme advogam Hallack, Burgos e Carneiro (2011, p.10), o TBC:

Trata-se de uma resposta alternativa que mantém vínculos não só com a imensidão ambiental, como também com a dimensão sociocultural, através do estímulo de trocas culturais entre visitantes e moradores, podendo igualmente apontar caminhos frutíferos para a melhoria da qualidade de vida e do bem estar da população receptora.

Diante do exposto, observa-se que apesar de algumas diferenças conceituais em tono das definições de TBC, os autores compartilham de alguns princípios, enfatizando-se o protagonismo comunitário, a equidade social e bem comum e a valorização da história e da cultura. O quadro a seguir, elaborado por Gómez, Falcão e Castilho (2015) sistematiza os principais conceitos envolvidos na definição do TBC proposta pelos teóricos a partir de seus campos de estudo:

Quadro 1- Constructos do Conceito de Turismo de Base Comunitária.

Constructo-chave	Autor
Desenvolvimento da comunidade, filosofia de planeamento participativo, controle do processo	Okazaki (2008); UNWTO (2014); MTur (2010)
Distribuição de poder; criação de capital social; e, processos colaborativos	Jamal; Getz (1995); Reed (1997); Okazaki (2008); MTur (2010)
Turismo de experiência; originalidade	UNWTO (2014); Bursztyn (2012)
Autogestão; cooperação; equidade; distribuição dos benefícios gerados	Maldonado (2009); MTur (2010); Fabrino; Costa; Nascimento (2012); Sansolo e Bursztyn (2009)
Valorização da identidade cultural Sansolo e Bursztyn (2009); Bursztyn (2012) Convivialidade, comunidade e cotidianidade	Guzzatti; Sampaio e Coriolano (2013); Zuñiga; Pilquiman, Skewes e Sampaio (2012); Sampaio; Zamignan (2011); Grimm; Sampaio (2011); Zamignan; Sampaio; Mantovaneli Júnior (2011) Sampaio; Alvez e Lenz (2010); Vasquez de la Torre; Guzmán; Caridad y Ocerin (2007)
Inovação social	Lima (2009)
Protagonismo da comunidade, atores	Okazaki (2008); UNWTO (2014); MTur (2010); Maldonado (2009); Fabrino; Nascimento e Costa (2012); Sansolo e Bursztyn (2009); Sampaio e Coriolano (2009)

Fonte: Gómez, Falcão e Castilho (2015, p.1220).

Em relação à demanda turística, o TBC é resultado da emergência de um novo perfil de visitantes interessados em construir vínculos emocionais com os lugares visitados. A adoção de novas práticas e modelos de gestão dos espaços turísticos ressignificam as experiências turísticas, aproximando os visitantes e as comunidades na intenção de aprendizado e da partilha de experiências. É o que mostra Faria (2010, p.119), ao assinalar que vem ocorrendo uma reorientação do turismo,

[...] Trocando a massificação por uma vivência autêntica, mais próxima da realidade local (tanto da comunidade, quanto dos espaços, significados por seus usos tradicionais). Reside aí a essência do turismo comunitário, prática da visitação intencional à ‘alma’ do lugar e das pessoas que o habitam.

O visitante que se dispõe a conhecer cultura das comunidades tradicionais depara-se com as potencialidades naturais e culturais diversificadas e um ritmo de vida particulares em cada comunidade. Nos roteiros de TBC, por exemplo, o turista não apenas transita pelas paisagens e pelos cenários construídos para o seu deleite ou status social, mas se detém nos aspectos do cotidiano do lugar turístico. Ele interage com as comunidades buscando o aprendizado e a interpretação da sua cultura, numa perspectiva

de imersão nas tradições e nos modos de vida singulares que compõem o repertório cultural das comunidades visitadas. Sendo assim, no TBC ocorre um processo de educação contínua (MENDONÇA e MORAES, 2012; REBOUÇAS, 2021).

Conforme enuncia Paoliello (2016, p.03) “o fazer artesanal é, provavelmente, uma das manifestações mais tangíveis deste patrimônio intangível, tendo como foco principal os conhecimentos e capacidades envolvidas no artesanato”. Através de uma peça de artesanato tem-se uma experiência diferenciadora pois a peça ou artefato transmite a simbologia, o aspecto estético e afetivo que se realça através da matéria-prima e técnica utilizadas na sua fabricação e pelas cores e traçado que cada peça apresenta e demais elementos que integram a vida de uma comunidade:

O artesanato nunca possuiu uma realidade homogênea, também não é uma atividade que carrega certa simplicidade e facilidade em sua confecção e sua técnica; transmite trabalho, valores, técnicas, signos produzidos no sistema cultural a que o indivíduo e/ou o grupo pertence; é uma resposta às necessidades do meio ligadas ao trabalho, à vida doméstica, à identidade de grupos sociais e culturais (TEDESCO, 2018, p.15).

Nesse aspecto, é interessante mencionar a importância da identidade cultural da comunidade que tem sua cultura passada de geração para geração, carregando sempre o sentimento de pertencimento daquele lugar. As identidades podem ser reafirmadas por projetos comunitários, favorecendo os artesãos e as suas tradições de modo a agregar valor à sua produção e complementar as suas rendas.

Nesse norte, as propostas de TBC alinham-se, conforme mencionado anteriormente, ao conceito de Bem Viver (ACOSTA, 2016) na medida em que eles “[...] têm em comum as lutas sociais, como a conservação dos recursos naturais, base da subsistência de diversas comunidades; a luta pela terra; a luta pelo direito à memória cultural; a luta por uma educação digna” (SANSOLO e BURSZTYN, 2009, p. 150).

Tomando essa direção teórica, Silva e Rodriguez (2013, p.37) realizam uma aproximação entre o TBC e os pressupostos da economia solidária, enfatizando alguns de seus aspectos convergentes: (1) a sociedade civil procura o empoderamento para construir os sujeitos de seu próprio território; (2) a colaboração solidária é a forma predominante da relação social; (3) há um projeto comum de respeito mútuo e desenvolvimento de cada cidadão e comunidade; (4) a democracia é um espaço socioeconômico dirigido pelo compartilhamento e essencial na matriz de ações; (5) todos são lideranças legítimas, que compartilham responsabilidade pela tomada de decisões.

O propósito maior do TBC consiste em propiciar a construção de propostas de desenvolvimento trilhadas pelas próprias comunidades em diálogo com os seus saberes e potencialidades como gestores ou empreendedores turísticos, “[...] em todos os casos os atores se verão confrontados com necessidades que passam pela defesa de um território, enquanto expressão da manutenção de um modo de vida, de recursos vitais para a sobrevivência do grupo, de uma identidade ou de liberdade de ação” (SOUZA, 2014, p.109-110).

Assim, é fundamental que os planejadores e gestores do turismo conheçam as especificidades das comunidades que vivem nos territórios e neles estabelecem relações de afetividade e sentimentos de pertencimento. Nas estratégias de formatação de produtos comunitários é necessária a participação dos diversos atores que compõem o sistema turístico de uma localidade: comunidades, gestores públicos, privados, organizações não governamentais atuando de forma integrada e sinérgica com vistas a possibilitar as condições e os capitais social, institucional e político necessários para a materialização dessas propostas.

A formulação de políticas públicas e as ações de governança e do envolvimento efetivo das comunidades no planejamento e operacionalização do TBC são pressupostos para a viabilidade técnica e financeira e a sustentabilidade das iniciativas a longo prazo. Nesse horizonte, diversas técnicas e propostas metodológicas podem ser utilizadas a fim de possibilitar o envolvimento e a participação efetiva dos moradores no processo de planejamento, gestão e avaliação da atividade turística (PINHEIRO, 2011).

Portanto, organizar a oferta de produtos, bens e serviços turísticos envolvendo os princípios e associando os valores do TBC, tais como a economia solidária, acarreta um ambiente harmônico com ênfase no Bem Viver da comunidade, a ligação direta com a sustentabilidade utilizando os recursos que o lugar dispõe de forma equilibrada. Desse modo, o TBC é visto como alternativa para a inclusão social e valorização das práticas socioculturais tradicionais, fatores importantes para o desenvolvimento turístico local.

O turismo organizado em bases comunitárias agrega valor à produção cultural e ao patrimônio ambiental e deve ser incentivado como forma de complementação às demais atividades econômicas existentes:

O turismo não deve competir nem, e menos ainda, suplantando as atividades tradicionais que têm garantido a sobrevivência de tais povos. É concebida como um complemento ao progresso econômico e ocupacional para

potencializar e dinamizar as atividades tradicionais que as comunidades controlam com imensa sabedoria e maestria (MALDONADO, 2006, p.30).

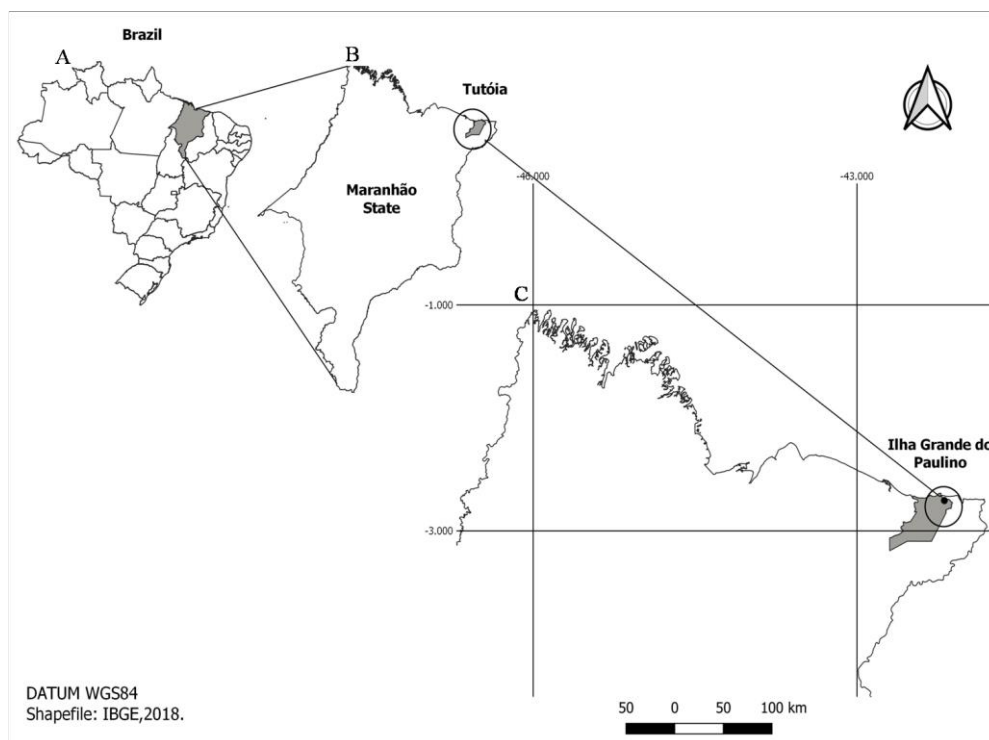
Nesse patamar, as práticas socioculturais das comunidades, a exemplo do artesanato produzido na Ilha Grande dos Paulinos, podem iniciar um processo de transformações sociais “[...] nascidas do despertar das forças comunitárias que acenam e abrem caminho para o desenvolvimento de um produto turístico com grandes potenciais de competitividade e transformação” (JARA, 2001, p. 167). Desse modo, é necessário pensar em estratégias e ações que promovam a participação da comunidade desde o início do planejamento até o desenvolvimento da atividade turística no local, respeitando toda história, a identidade e as práticas socioculturais do lugar para que possa haver uma boa relação entre os moradores da comunidade e os turistas.

Na próxima seção do trabalho, apresentam-se os resultados da pesquisa de campo realizada junto às artesãs da comunidade Ilha Grande dos Paulinos acerca das relações entre artesanato, identidade, turismo e TBC, com vistas a refletir sobre a interface turismo, artesanato e desenvolvimento local.

4. O ARTESANATO DA COMUNIDADE ILHA GRANDE DOS PAULINOS EM DIÁLOGOS COM O TBC

A comunidade Ilha Grande dos Paulinos está inserida numa Área de Proteção Ambiental (APA) a uma distância de cerca de 35,4 km da sede de Tutóia e conta com aproximadamente 67 moradores. Compõe, ao lado de outras ilhas, 65% do Delta do Parnaíba que fica localizado na parte do Maranhão (Figura 2). A sua economia baseia-se nas atividades tradicionais como a pesca, a agricultura, o artesanato e a captura do caranguejo. As demandas de saúde, educação e infraestrutura são escassas, dada a dificuldade de acesso dos moradores aos serviços básicos existentes na sede municipal (DA ROS e SOARES, 2021).

Figura 2: Localização da Ilha Grande dos Paulinos.



Fonte: Diniz, Silva, Carreira, Almeida e Rêgo (2021, p.02).

De acordo com os referidos autores e com base nas narrativas dos moradores mais antigos, a comunidade é fruto da ocupação de pessoas oriundas de diversas localidades, sendo a sua história marcada pela exploração dos moradores e pela luta pela posse das terras. Na trajetória comunitária, destaca-se a mobilização e a organização em prol de seu bem estar, cujo resultado contribuiu para a construção das suas bases materiais e simbólicas a partir dos laços de reciprocidade e solidariedade: “[...] o mais forte sentido de comunidade costuma vir dos grupos que percebem as premissas de sua existência coletiva ameaçadas e por isso constroem uma comunidade de identidade que lhes dá uma sensação de resistência e poder” (BAUMAN, 2003, p.91).

No tocante aos elementos potenciais para a atração turística (Figura 3), as particularidades naturais e culturais associadas à organização solidária dos moradores podem gerar condições para as práticas de ecoturismo de base comunitária:

Além de toda riqueza em termos de cultura (lendas, culinária, festejos) há que se ressaltar a presença dos chamados atrativos naturais com potencialidades para o ecoturismo como os banhos nas praias do Mandacaru e do Caju, que na verdade são formadas pela influência da maré no próprio Rio Mandacaru [...]. Esses atrativos não se qualificam somente pela beleza cênica, pois também retratam o cotidiano dos moradores locais, sejam nas atividades de subsistência ou de lazer. Outros dois pontos também bastante procurados pelos moradores como locais de lazer são pontos de banho formados por uma só lagoa, a

conhecida Lagoa Grande que passou a ser denominada Lagoa do Jacaré, no povoado também conhecido como Jacaré (DA ROS e SOARES, 2021, p.226).

Figura 3: Aspectos naturais da Ilha Grande dos Paulinos.



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Inserido nesse universo de lendas, imaginários e de práticas de conservação da natureza, destaca-se a produção de artesanato feito da matéria prima da fibra da carnaúba, linho e talo do tucum, envolvendo em torno de 11 (onze) mulheres moradoras da ilha. Para atender aos objetivos da pesquisa realizou-se entrevistas junto à 05 artesãs da comunidade com o objetivo de conhecer a dinâmica da produção artesanal, verificar a existência de articulações e processos endógenos e possíveis desdobramentos para o desenrolar da atividade turística de base comunitária a longo prazo. O quadro a seguir apresenta a caracterização das informantes da pesquisa.

Quadro 2- Caracterização das informantes.

Artesã	Idade	Tempo de ofício
<i>Artesã 01</i>	34 anos	Há 21 anos
<i>Artesã 02</i>	38 anos	Há 26 anos
<i>Artesã 03</i>	41 anos	Há 28 anos
<i>Artesã 04</i>	56 anos	Há 44 anos
<i>Artesã 05</i>	73 anos	Há 61 anos

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

No curso das entrevistas observou-se que as artesãs aprenderam o ofício quando crianças ou jovens, o que evidencia que os saberes artesanais vêm sendo repassados de geração para geração e nessa perspectiva, a atividade artesanal é considerada uma tradição familiar. Todas as artesãs possuem a mesma técnica de fabricação das peças de artesanato

denominada trançado e a matéria prima é retirada na própria comunidade. As artesãs tem o cuidado de aproveitar os recursos naturais: a fibra de carnaúba, o linho e o talo do tucum os quais se materializam numa produção diversificada: cestos, redes (de trança ou corda), bolsas, descansos de panelas, entre outros (Figuras 4 e 5).

Figura 4: Artesanato da Ilha Grande dos Paulinos.



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Figura 5: Artesãs da comunidade.



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

A primeira questão norteadora da pesquisa colocou em relevo os sentidos e os significados do artesanato, evidenciando-se o sentimento de apreço e de afetividade das

artesãs no tocante às peças produzidas. A relação entre as artesãs e as peças produzidas perpassa as questões financeiras, emergindo uma dimensão afetiva que se relaciona às vivências familiares, às memórias da infância, bem como à construção da identidade pessoal, consoante pode ser percebido nos relatos a seguir:

Aprendi a fazer minhas primeiras peças de artesanatos quando tinha por volta de uns 12 anos de idade, naquele tempo os estudos eram muito difíceis e o tempo era dedicado a ajudar a mãe nos afazeres de casa e logo depois ao artesanato que considero como meu caderno e lápis de estudos, aprendi muito e já repassei muito conhecimentos para outras pessoas também, porque você ser artesã é isso, é aprender e ensinar para os mais novas para que essa atividade nunca seja esquecida (Artesã 05).

Comecei a trabalhar com artesanato por conta da renda extra que temos com a venda das peças, mas logo depois fui me apaixonando por essa atividade cada vez mais e desde então venho buscando aprender e repassar, buscar transmitir o que eu sinto em cada peça (Artesã 02).

O artesanato pra mim é vida, é mostrar para as pessoas que compram as peças um pouquinho da nossa história e da nossa comunidade, pois pra for que seja que as peças vão, mas sempre será lembrado de onde veio, é como se ficasse um pouquinho de quem compra com a gente e como se eles levassem muito da gente, do nosso lugar e isso é bom, pois seremos lembrados pelo nosso trabalho. (Artesã 04)

Observou-se o sentimento de pertencimento, os laços afetivos das artesãs ao longo do processo de confecção de cada peça, a história e a identidade cultural que está explícita em cada detalhe. Os ofícios tradicionais, o labor passado de geração a geração, as técnicas, os recursos ou matérias-primas empregados na produção, a relação entre sociedade e natureza revelam marcas identitárias, uma memória afetiva que se liga indissociavelmente à história do sujeito. Desse modo, os ofícios artesanais contribuem também para afirmação da identidade dos artesãos. Ainda, singularizam também os territórios: “[...] as artes e ofícios têm um papel muito importante na afirmação das identidades locais, mantendo e preservando um vasto espólio de memórias e patrimônio etnográfico e dando a conhecer, assim, a realidade social, cultural e econômica de uma determinada região” (FERNANDES, 2010, p. 13).

Após conhecer a percepção sobre a importância do artesanato buscou-se saber a visão das artesãs sobre o turismo como fato que agregaria valor ao artesanato produzido. Em resposta a este questionamento, todas as entrevistadas ressaltaram que o turismo não se reduz às viagens e ao lazer considerando-o como uma atividade que pode alavancar o desenvolvimento de comunidades tradicionais, trazendo vários benefícios por meio do

TBC, utilizando alternativas sustentáveis, apresentando estratégias econômicas para o local.

O entendimento das artesãs sobre o turismo e suas potencialidades aproxima-se da visão de Alcântara (2020, p.203) para quem “A relação sinérgica do homem com a cultura e natureza pode tornar-se uma importante fonte de lazer e entretenimento, fomentando o desenvolvimento local e a inclusão social.” Dessa forma, a articulação entre artesanato e turismo apresenta possibilidades para desenvolver o TBC em localidades como na Ilha Grande, isso levando em consideração a valorização e o reconhecimento da cultura local, as alternativas envolvendo o associativismo e o cooperativismo, os princípios de economia solidária e bem viver para os moradores e, principalmente, pensar em adotar ações de baixo impacto para a natureza, articulado ao protagonismo da comunidade.

Em seguida, questionou-se o interesse das artesãs em atuar com os princípios do TBC na comunidade Ilha Grande dos Paulinos e organizar visitas turísticas com o intuito de comercializar o seu artesanato. Ao tempo em que demonstraram interesse, as entrevistadas afirmaram que a comunidade dispõe de potencialidades que podem ser aproveitadas pela atividade turística. Elas ressaltaram também que o turismo traria oportunidades econômicas e sociais em termos de crescimento e desenvolvimento local, uma vez que, segundo elas, os roteiros turísticos comercializados atualmente em Tutóia não trazem retorno ou benefício para a comunidade.

Conforme discutido anteriormente, o TBC centra-se nas relações dialógicas entre sociedade e natureza, caracterizando-se por impactos reduzidos sobre o meio ambiente e a vida das populações e por atenuar as desigualdades socioeconômicas. Este modelo de turismo com foco na sustentabilidade propicia a inclusão social de comunidades que estão distantes da lógica mercantil de produção e consumo dos espaços turísticos que segregam e excluem os moradores acarretando graves prejuízos socioambientais. Com base nas experiências exitosas do TBC, Alcântara (2020) afirma que o TBC

[...] possibilitou a inserção do turismo em localidades pitorescas, porém excluídas dos roteiros de visitação e não vistas como um atrativo turístico. Nesse contexto, localidades com um potencial turístico reprimido puderam se beneficiar com a instauração do turismo de base comunitária (ALCÂNTARA, 2020, p. 206).

O autor compreende que a implantação de propostas de TBC implica num processo a médio ou longo prazo, pois deve-se existir uma pesquisa voltada para o local para se identificar quais os atrativos naturais e culturais, as vias de acessos ao local e o principal, se a comunidade está apta para a visitação, se todos os moradores estão de acordo com tal proposta, pois somente a comunidade em si pode aprovar um trabalho como este. Logo após, tem que ser pensando juntamente com o poder público local, por meio da Secretaria Municipal de Turismo para que seja aprovado e elaborado um roteiro que contemple a Ilha Grande dos Paulinos.

Nesse sentido, interpelou-se se existe alguma cooperativa, associa o ou organiza o voltada para o artesanato local. De acordo com os relatos das informantes não há atua o de algum órgão com o objetivo de regularizar as questões burocráticas relacionadas ao artesanato. Em rela o às parcerias na promo o e comercializa o do artesanato, as artes as indicaram a existência de parceria com o setor hoteleiro da cidade que se responsabiliza pela divulga o, promo o e comercializa o dos produtos.

Com base na fala das entrevistadas, constatou-se a necessidade de criar e organizar uma cooperativa ou associa o para que seja desenvolvido um trabalho direto entre artes a e visitante sem a presença de facilitadores. Destaca-se a importância de se estabelecer parcerias, tanto com o setor privado quando com o público. Com a cria o de uma cooperativa ou associa o as artes as terão direito mais benefícios promovidos em nível municipal ou estadual.

Em rela o   possibilidade de comercializa o dos artesanatos na própria comunidade, as informantes ressaltaram que esta a o seria um fator importante e inovador para o local, pois ao invés de repassarem as peças de artesanatos para terceiros, os turistas teriam a chance de conhecer a comunidade, as belezas naturais e culturais que a mesma dispõe, trazendo diversos benefícios que vai da gera o de renda até o desenvolvimento local. Tais princípios alinham-se ao modelo do TBC caracterizado pelo contato direto do visitante com o modo de vida de forma sustentável de modo a contribuir de forma positiva para a economia local.

A proposta de visita o sistemática na ilha Grande dos Paulinos possibilitaria ao visitante/turistas aprender e/ou observar como cada peça de artesanato   concebida, como a farinha   feita nas casas de fornos, como o peixe   pescado nos rios e entre outras atividades. Conforme advogam Hallack, Burgos e Carneiro (2011, p.10), o TBC:

Trata-se de uma resposta alternativa que mantém vínculos não só com a dimensão ambiental, como também com a dimensão sociocultural, através do estímulo de trocas culturais entre visitantes e moradores, podendo igualmente apontar caminhos frutíferos para a melhoria da qualidade de vida e do bem estar da população receptora.

É importante mencionar a visão das artesãs sobre a possibilidade de estabelecer um contato direto com o visitante, pois é um momento que existe uma troca de conhecimentos e experiência, não é um momento somente de compra e venda, o visitante vai buscar saber informações sobre como tal peça foi feita, qual a matéria prima utilizada e dali pode surgir toda uma história criativa. Considera-se que a maior lembrança que um visitante pode levar de um local é o artesanato, pois cada peça transmite o valor da cultura e da história de um povo.

Tendo em vista que a cidade de Tutóia é um destino turístico em franca expansão sendo um local bastante procurado por visitantes/turistas em nível local e nacional, é fundamental a atuação coordenada da gestão pública, através da Secretária Municipal de Turismo no sentido de viabilizar projetos turísticos para os locais onde a atividade turística ainda não é desenvolvida, como por exemplo, na comunidade Ilha Grande dos Paulinos.

Segundo Araújo (2011, p. 239) “evidencia-se, cada vez mais, na sociedade atual a importância de se incluir a população local na dinâmica turística, desde o seu planejamento até a gestão da atividade, como forma de se alcançar o desenvolvimento sustentável e de minimizar os possíveis conflitos que a atividade turística possa ocasionar.” O TBC é considerado um segmento de destaque quando se trata de desenvolvimento em comunidades tradicionais, pois ele se vincula diretamente com a cultura, a história, as crenças, o artesanato, a culinária e os costumes de uma comunidade na perspectiva do desenvolvimento:

A construção dos conceitos de desenvolvimento local e políticas públicas é um processo amplo e debate permanente como a nova maneira de promover o desenvolvimento, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das comunidades, com capacidade de suprir suas necessidades mais imediatas, e de incrementar o intercâmbio externo por meio de ações comunitárias conjuntas (SANTOS, 2012 p. 15).

Porém, assim como toda atividade se ele não for implantado e monitorado de forma correta pode trazer danos negativos para a comunidade, tais como a degradação do meio ambiente ou até mesmo a transversalidade com a cultura. Por isso, é de suma importância a participação diretamente da comunidade em decisões fundamentais para o

desenvolvimento local e/ou para o surgimento de projetos futuros. O TBC pode ocasionar uma série de benefícios, porém, os moradores devem tomar a decisão final sobre algumas questões, como por exemplo, a frequência e o número de visitantes que deseja receber na comunidade. Além disto, eles devem estar conscientes a respeito de possíveis mudanças ou implicações que podem surgir com o passar do tempo em decorrência das práticas turísticas.

E como último questionamento para as artesãs, indagou-se o que elas achavam de um projeto turístico voltado para a comunidade e quais seriam os possíveis aspectos positivos da relação artesanato e turismo. As informantes consideraram importante se houvesse essa iniciativa por parte do poder público local. Na visão das entrevistadas, o artesanato como atrativo turístico possibilitaria o aumento de geração de renda e o reconhecimento e a valorização do seu trabalho. Já para os visitantes, a implantação de TBC na comunidade tornaria a experiência mais significativa mediante a partilha de saberes e de conhecimentos com os moradores locais, conforme atestam os depoimentos a seguir:

Nós, as artesãs da comunidade Ilha Grande dos Paulinos ficaríamos muito felizes se a atual gestão, principalmente o novo Secretário de Turismo, sr. Patrick pudesse desenvolver esse projeto pra cá, tenho certeza que a comunidade iria ganhar muitos benefícios e o próprio secretário sabe do potencial que o local tem, principalmente a questão do artesanato por ele ser o único parceiro que temos lá em Tutóia (Artesã 01)

Seria muito importante para o desenvolvimento local um roteiro turístico que a Ilha Grande estivesse inserida, lógico se todos da comunidade aprovasse, porque deve ser considerado a opinião de todos, e tomar os devidos cuidados também para que se algum dia chegar esse desenvolvimento para que quem venha de fora não acabe com o que é nosso, e para o artesanato vai ser mais um ponto positivo, receber pessoas que vem de fora para conhecer nossa cultura, o aumento da nossa renda e entre outros positivo (Artesã 03).

Deve-se levar em consideração a participação da comunidade e de parceiros, o respeito com as áreas protegidas e as legislações existentes, aperfeiçoar o bem receber dos moradores e verificar a sinergia dos atrativos para que no final possa se consolidar as futuras parcerias. O TBC ocorre por meio de processos que estão diretamente ligados ao diagnóstico participativo, a cooperação e ao associativismo, as normas e atividades permitidas, a qualificação da comunidade, a construção da experiência e produto, entre outros (REBOUÇAS, 2021).

Portanto, os resultados coletados nessa pesquisa buscam contribuir academicamente de forma positiva, auxiliando projetos futuros que poderão ser desenvolvidos pelo próprio setor público, interligando as práticas socioculturais da comunidade Ilha Grande dos Paulinos, a exemplo do artesanato. Através dele pode-se iniciar um processo de transformação social por meio do turismo e de fortalecimento da identidade e valorização do seu patrimônio cultural:

Nessas iniciativas, atores locais de diversos núcleos turísticos têm se inserido de forma efetiva nos processos decisórios e alcançado o protagonismo no planejamento, na execução e na gestão de atividades associadas ao turismo e ao modo de vida do lugar e, conseqüentemente, conquistado diversos benefícios, como a garantia do direito ao território tradicional e a geração de emprego e renda complementar (MOARES *et al*, 2017, p.14).

Dessa forma, faz-se necessário manter a valorização do artesanato para o desenvolvimento local e para se pensar no planejamento turístico adequado, tendo em vista, a participação e protagonismo da comunidade local. Através do desenvolvimento turístico local, a comunidade poderá se desenvolver de forma organizada. Assim, o turismo acrescenta valor simbólico à produção econômica, social e cultural, os artesãos ganham renda e o turista se encanta com as belezas naturais e culturais de cada lugar, tendo a experiência de conviver com diretamente com o dia a dia dos moradores e colecionar memórias, sentimentos e conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das práticas tradicionais de destaque da região do Delta e Lençóis é o artesanato, pois ele apresenta um valor simbólico que é transmitido através da cultura e da história da comunidade local, como por exemplo o artesanato produzido na comunidade da Ilha Grande dos Paulinos, município de Tutóia, Maranhão. Tendo em vista o crescimento da atividade turística na referida região, há que se pensar em alternativas para diversificar as experiências do turista e inserir a comunidade no processo turístico por meio de um contato mais próximo entre os visitantes e o patrimônio cultural local.

Sendo assim, vislumbra-se o potencial do artesanato como possibilidade turística para o município de Tutóia. Além das experiências significativas que o turismo pode

proporcionar para os visitantes, como por exemplo a convivência e interação com os moradores locais, o aproveitamento do artesanato como elemento de atratividade para o turismo possibilita ao visitante conhecer as particularidades socioculturais e as singularidades da comunidade por meio de cada peça produzida, além de estimular o desenvolvimento local por meio de práticas da economia solidária.

Dessa maneira, o presente estudo buscou analisar as possibilidades de desenvolvimento turístico da comunidade Ilha Grande dos Paulinos a partir da produção artesanal local, articulado ao conceito de Turismo de Base Comunitária (TBC). No decorrer desta pesquisa buscou-se analisar a dinâmica sociocultural das mulheres artesãs, seus movimentos, articulações e os possíveis desdobramentos que podem advir do interesse em projetar o artesanato por meio de iniciativas de TBC naquela região.

Devido a pandemia Covid 19, ocorreram algumas limitações em relação à pesquisa de campo; a intenção inicial consistia em realizar uma pesquisa participante junto às artesãs da comunidade. Diante do cenário de restrições impostas pelas medidas sanitárias e de distanciamento social, optou-se pela realização de entrevistas online e por meio de ligações telefônicas.

Com base no referencial teórico e da pesquisa de campo realizada, verificou-se que o TBC se configura como um modelo de gestão turística voltado para o desenvolvimento local e que contribui para o bem viver dos moradores. Os princípios e valores que permeiam as propostas de TBC permitem aos visitantes conviver e aprender com a cultura de cada comunidade, observando e participando das práticas culturais, compartilhando de conhecimentos e troca de saberes, entendendo como funciona os fazeres artesanais, assim, a visita torna-se uma experiência inesquecível.

O TBC surge como uma alternativa sustentável para o desenvolvimento de comunidades que ainda não possuem visitas turísticas e que se preocupa em manter a comunidade como fator fundamental desse processo. Tendo em vista que o desenvolvimento local deve ocorrer abordando questões ligadas ao planejamento e ao conceito do bem viver, a Ilha Grande dos Paulinos que assim como outras comunidades do município de Tutóia, possui um grande potencial voltado para o artesanato, porém, cada uma com o seu diferencial e com outras atividades que estão diretamente ligadas ao TBC.

Desse modo, conclui-se que o artesanato da comunidade Ilha Grande dos Paulinos detém potencial para viabilizar iniciativas de TBC e potencializar o desenvolvimento local, em agregação à outras atividades econômicas presentes no município de Tutóia.

Ressalta-se que o planejamento estratégico alinhado ao fortalecimento e valorização do artesanato é condição essencial para que a Ilha Grande dos Paulinos em Tutóia Maranhão possa inserir-se na atividade turística de modo harmonioso, equilibrando e respeitando os ritmos da comunidade.

Nesse caminhar é indispensável o envolvimento dos diversos atores sociais, tais como o poder público através da Secretaria Municipal de Turismo e a iniciativa privada em questões, como por exemplo, qualificação para os artesãos locais para melhorias no desempenho, da divulgação, promoção e comercialização das peças de artesanato, realização de projetos turísticos voltados para comunidades tradicionais com vistas a beneficiar os moradores, gerando renda extra através da atividade turística desenvolvida de forma correta; o planejamento para a criação de cooperativas ou associações para essa classe, com isso, passar a receber benefícios e seria uma forma viável para fins de organização do artesanato local e entre outros.

Os resultados obtidos na pesquisa buscam contribuir com a temática artesanato, TBC e desenvolvimento local, dando a oportunidade para que outros pesquisadores desenvolvam estudos voltados para as diversas produções artesanais do local, os atrativos naturais e culturais e sobre a história da região, uma vez que a região do Delta e dos Lençóis dispõe de um campo extenso de possibilidades para pesquisas que ainda não foram exploradas. Sendo assim, documentar e registrar as práticas, os saberes e fazeres tradicionais e a dinâmica turística torna-se fundamental para que a atividade turística se desenvolva de forma equilibrada, mantendo os seus benefícios para as comunidades locais.

A pesquisa pretende estimular projetos de desenvolvimento turístico envolvendo o setor público e a iniciativa privada em parceria com os moradores, interligando as práticas socioculturais da comunidade Ilha Grande dos Paulinos, a exemplo do artesanato. Através dele pode-se iniciar um processo de transformação social por meio do turismo e de fortalecimento da identidade e valorização do seu patrimônio cultural. Por fim, espera-se que o estudo impulse novas pesquisas sobre o tema TBC e incentive o desenvolvimento turístico em comunidades tradicionais na região.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O Bem Viver**: uma oportunidade de imaginar outros mundos. São Paulo: Editora Elefante, 2016.

ALCÂNTARA, Liliane Cristiane Schlemer; GRIMM, Isabel Jurema; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Turismo de base comunitária e bem viver: estratégias de desenvolvimento e redução das desigualdades. **Revista Eletrônica do Prodepa**, Fortaleza, 2018.

ANDRADE, Ana Maria Queiroz de. **A Gestão de design e os Modelos de intervenção de design para ambientes artesanais**: um estudo de sobre a atuação do Laboratório de Design O Imaginário/ UFPE nas comunidades produtoras Artesanato Cana Brava – Goiana e Centro de Artesanato Wilson de Queiroz Campos Júnior - Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design. UFPE, Recife, 2015.

ARAÚJO, Marina. O início do pensamento em torno do Turismo de Base Comunitária: estudo de caso na comunidade de Galiléia, município de Caparaó, Minas Gerais, Brasil. **Turismo em Análise**, Minas Gerais, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BAUMAN, Z. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis G.; BURSZTYN, Ivan. **Turismo de Base Comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

BOTELHO, Vinícius Simões. **Design e Artesanato**: Um estudo comparativo sobre modelos de intervenção. (Monografia). Recife: Departamento de Design da Universidade Federal de Pernambuco, 2005.

BRAGA, M. B.; SELVA, V. S. F. O Turismo de base comunitária pode ser um caminho para o desenvolvimento local? **Rev. REDE**, v. 10, n. 1, 2016. Disponível em: <<http://www.revistarede.ufc.br/rede/article/view/272>>. Acesso em: 10 set. 2021.

CAVALCANTE, Ana Luisa Boavista Lustosa. **Design para a sustentabilidade cultural** – recursos estruturantes para sistema habilitante de revitalização de conhecimento local e indígena. Universidade Federal de Santa Catarina, 2014 (Tese de Doutorado).

DA ROS, José Pedro; SOARES, Denise dos Santos. Ilha Grande dos Paulinos/MA: memórias e ecoturismo de base local. In: PORTUGUEZ, Anderson Pereira; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. (Orgs.). **Sustentabilidade e turismo em comunidades**. Ituiutaba: Barlavento, 2021. p. 206-225.

DAVID, Cesar de VARGAS, Daiane Loreto de. **Saberes tradicionais e artesanato: expressões culturais do campo brasileiro**. São Leopoldo: Oikos, 2018.

DINIZ M. R, SILVA AG, CARREIRA LMM, ALMEIDA JR EB, RÊGO MMC. Pollen Spectrum of Honey from the Bee *Melipona subnitida* Ducke (1910) in Restinga in Maranhão State. **Floresta e Ambiente** 2021; 28(2): e20200068

FABRINO, N. H.; NASCIMENTO, E. P. do; COS TA, H. A. Turismo de Base Comunitária: uma reflexão sobre seus conceitos e práticas. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, dez. 2016, p. 172- 190.

FERNANDES, Mirla da Silva. **Estratégias para o desenvolvimento do artesanato contemporâneo na Madeira**. 2010. Disponível em: <<http://digituma.uma.pt/handle/10400.13/239>> Acesso em: 07. set.2021.

FIGUEIRA, Michel Constantino. Economia solidária, comércio e turismo: os produtos artesanais à base de palmeiras de butiá em Santa Vitória do Palmar, RS, Brasil. **Cultur-Revista de Cultura e turismo**. Ano 11 - nº 02 – Jun/2017, p. 54-80.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2004.

GÓMEZ, Carla Regina Pasa, FALCÃO, Mariana Cavalcanti; CASTILHO, Leonardo Augusto Gómez. Turismo de Base Comunitária como inovação social: congruência entre os constructos. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 13, p. 5, 2015, p.1213- 1227.

HALLACK, N.; BURGOS, A.; CARNEIRO, D. M. R. Turismo de base comunitária: estado da arte e experiências brasileiras. **Ambientalmente Sustentable**, Galícia, ano 6, v. 1, n. 11- 12, p. 7-25, jan./dez. 2011. Disponível em: <http://revistas.udc.es/index.php/RAS/article/view/808>. Acesso em 08 set.2021.

HORODYSKI, G. S. **O artesanato dos Campos Gerais do Paraná**. Universidade do Vale do Itajaí, Balneário de Camboriú, 2006.

IRVING, M. de A. Reinventando a Reflexão sobre Turismo de Base Comunitária: inovar é possível? In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p. 108-121.

KELLER, Paulo. O artesão e a economia do artesanato. In: SANTOS, Denilson Moreira; NORONHA, Raquel Gomes; CARACAS, Luciana Bugarin; CESTARI, Glauba Alves do Vale (Orgs.). **Artesanato no Maranhão: práticas e sentidos**. São Luís: EDUFMA, 2016, p.59-89.

KRUCKEN, Lia. **Design e território - Valorização de identidades e produtos locais**. Studio Nobel, 2009.

LEITE, R. P. Modos de vida e produção artesanal: entre preservar e consumir. In: CAVALCANTI, C. (Ed.). **Olhares itinerantes: reflexões sobre artesanato e**

consumo da tradição. São Paulo: Artesanato Solidário/Central ArteSol, 2005. p. 27-41. Disponível em: <<http://www.artesol.org.br/site/wp-content/uploads/Olhares-Itinerantes.pdf>>. Acesso em: 10. Set. 2021.

LIMA, R. G. Arte popular e artesanato: falamos da mesma coisa? **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 95-109, jan./jun. 2009.

LIMA, Rafael Pereira; ANJOS, Laira de Jesus. Turismo de base comunitária: uma alternativa de segmento turístico sustentável de Serra Grande – Uruçuca-BA. **Revista Latino-Americana de estudos científicos**. V.01/n.03. jun, 2020. p. 5-17. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/ipa/article/view/31485>. Acesso em 09. set.2021.

LÓSSIO, Rúbia Aurenívea Ribeiro; PEREIRA, César de Mendonça. A importância da valorização da cultura popular para o desenvolvimento local. Anais do III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado entre os dias 23 a 25 de maio de 2007, na Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil. **Anais**.

MARTINS, R. D. A.; CALDAS, E. L. Visões do desenvolvimento local: uma análise comparada de experiências brasileiras. **Interações** – Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Campo Grande, v.10, n.2, 2009 p. 70-93.

MENDONÇA, T. C. M.; MORAES, E. A. de. Reflexões emergentes sobre turismo de base comunitária, à luz da experiência no "Paraíso Proibido": Vila do Aventureiro, Ilha Grande, Brasil. **Journal of Tourism and Development** 4, 2012, p. 1169-1183.

MORAES, Edilane Albertino de; MENDONÇA, Teresa Cristina de Miranda; PINHEIRO, Carolina Vasconcelos. Trilhando o turismo de base comunitária em minas: um novo caminho das Gerais. **Cultur- Revista de Cultura e Turismo**. ano 11 - nº 01 – Fev/2017 Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/>. Acesso em 11. set.2021.

NOGUEIRA, Sandra. **Cultura Material**. A emoção e o prazer de criar, sentir e entender os objetos. RBSE, v.1, n.2, João Pessoa, GREM, agosto de 2002.

PAOLIELLO, C. **Relatório de Pós-doutoramento**. Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, 2016. p.199-213.

PINHEIRO, A.C.B. **Stakeholders e o destino turístico**: estudo de caso da cidade de CuiabáMT. Dissertação (Mestrado). Universidade Anhembí Morumbi, 2011.

SANTOS, Karlla Fabianna Lima. **Do Delta das Américas aos Pequenos Lençóis**: produção e consumo do espaço turístico de Tutóia. São Luís, 2019.

SANTOS, Thiago de Sousa. **Desenvolvimento local e artesanato**: uma análise de dois municípios de minas gerais. Universidade Federal das Lavras, Lavras -MG, 2012.

SERVETTO, M. **La Artesanía en la zona Andina Argentina**: propuestas para el desarrollo. Córdoba: Servicio de publicaciones de la Universidad de Córdoba, 2008.

SILVA, Edson Vicente; RODRIGUEZ, José Manuel Mateo. **Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável: problemática, tendências e desafios**. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

SILVA, Luiz Mendes. **O bem viver: uma experiência em comunidade indígena**. Pato Branco, 2019.

SOUSA, Filipa Daniela Pinto Cardoso Dias de. **A intervenção do Design no Artesanato: Estudo da atividade cesteira em Portugal**. (dissertação) Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Escola Superior de Artes e Design, 2010.

SOUZA, Marcelo, J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de *et.al* (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

TEDESCO, João Carlos. Artesanato, territorialidades étnicas e agricultura familiar: dinâmicas socioculturais e mercantis no meio rural: o caso da rota das Salamitas. In: DAVID, Cesar de VARGAS, Daiane Loreto de. **Saberes tradicionais e artesanato: expressões culturais do campo brasileiro**. São Leopoldo: Oikos, 2018, p. 15-43.

VARGAS, Daiane Loreto de; FIALHO, Marco Antônio Verardi. Artesanato, Identidade Cultural e Mercado Simbólico. Dinâmica da Vila Progresso em Caçapava do Sul-RS. **Desenvolvimento em Questão**. Ano 16 • n. 45 • out./dez. • 2019, p. 191-208.

ZAPATA, Tânia (Coord.). **Gestão Participativa para o Desenvolvimento Local**. BNDES - Cooperação Técnica do PNUD. Recife, 2000.

APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS
DIRECIONADO ÀS ARTESÃS DA COMUNIDADE ILHA GRANDE DOS
PAULINOS, TUTÓIA, MARANHÃO.

Nome:

Idade:

1. “O turismo é o fenômeno de interação entre o turista e o local receptor e de todas as atividades decorrentes dessa interação”. Dessa forma, o que você entende por Turismo?
2. Existem diversos segmentos do Turismo e entre eles está o Turismo de Base Comunitária que é um modelo de gestão da visitação protagonizado pela comunidade. Já ouviu falar em Turismo de Base Comunitária? Se sim, você acha que se encaixa na realidade local?
3. O artesanato local é um dos destaques que a comunidade Ilha Grande dos Paulinos tem, diante disso é importante falar sobre a questão do planejamento e organização desse setor. Existe alguma cooperativa, associação ou alguma organização voltada para o artesanato da comunidade?
4. Atualmente, existem quantas artesãs na comunidade Ilha Grande dos Paulinos? Todas possuem Carteiras do Artesão emitidas pela PAB?
5. Há quanto tempo costuma trabalhar com artesanato e qual a técnica utilizada para a fabricação das peças?
6. A matéria-prima utilizada para a fabricação dos artesanatos é somente a fibra da carnaúba ou existe outra matéria-prima que as artesãs utilizam? E quais são as peças mais confeccionadas?
7. Existe algum parceiro em relação a qualificação através de cursos para as artesãs? Se sim, cite alguns exemplos.
8. Falando um pouco sobre comercialização, existe algum parceiro que já oferece esse apoio de compra e venda, tanto de setor privado quanto setor público. Se sim, cite exemplos.
9. Abordando um pouco sobre desenvolvimento do TBC em comunidades tradicionais. O que você acha de um projeto turístico voltado para a comunidade da Ilha Grande dos Paulinos?
- 10.** O TBC trabalha com os valores culturais e até mesmo com as belezas naturais das comunidades. Dessa forma, entende-se que o artesanato e o turismo são parceiros em relação ao desenvolvimento turístico de locais como a Ilha Grande dos Paulinos. Se você concorda, cite alguns pontos positivos que interligam essa parceria, de acordo com o seu ponto de vista.